



**PORTO--Exposição de chrysanthemos em Passos Manuel**

Um ramo com 140 flores n'um só pé — Expositor Dr. Luiz de Souza

(Cliché do distinto phot. amator sr. Augusto Chaim Junior.)

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.*

EDITOR

*Antonio José de Carvalho.*

ADMINISTRADOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

**Ilustração Catholica**

Revista litteraria semanal de  
informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

**CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA**  
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . . .	2\$400
>    >    (6 mezes) . . .	1\$200
>    >    (3 mezes) . . .	600
Estrangeiro (1 anno) . . . . .	3\$000
>    >    (6 mezes) . . . . .	1\$500
Sendo a cobrança feita pelo correio, acresce o importe das despesas.	
Numero avulso . . . . .	60



CARDIDO BACELLAR  
medico e jornalista

"Manual de Hygiene e  
Therapeutica

PERANTE A

**OBSTETRICIA E A PEDIATRIA,,**  
ou Cuidados medicos e familiares  
com as mães

(Antes, durante e depois do parto)

Soccorros ás ] creanças

**Conselhos ás noivas e  
assistencia ás familias**

PREFACIANTES: *Ex.<sup>mos</sup> Drs. Gaspar  
Fernando de Macedo e D. Leonor  
Amelia da Silva.*

A' venda na Livraria Escolar  
de Cruz & C.<sup>a</sup>, de Braga, e nas  
mais livrarias do paiz.

BRAGA

Sucursal do Grande Hotel Maia  
das Caldas do Gerez

Campo de D. Luiz I  
e R. dos Capellistas

BRAGA

**GRANDE HOTEL MAIA**

Muito asseio.  
Independencias  
para familias.

Serviço especial de dieta para  
pessoas vindas de Caldellas e Gerez.

Modo de ajudar á missa

Destinada ás catecheses  
da Doutrina Christã

Acaba de publicar-se este folheto,  
cujo preço é de 20 réis.

Vende-se na administração da «Il-  
lustração Catholica».

# Collegio Lyceu Portuguez

HUY (BELGIQUE)

DIRECTOR—José Luiz Mendes Pinheiro

Situação magnifica. — Educação moderna.

—Instrucção primaria e secundaria completas.

—Preparação para as universidades belgas.

—Professores de diversas nacionalidades para  
o ensino das linguas.

Este collegio veio substituir o antigo Collegio Lyceu Figueirense, da Figueira da Foz. N'elle encontram os alumnos as vantagens d'uma educação moderna, n'um dos paizes mais avançados da Europa, sem augmento de despesa.

Viagens e todas as despesas por conta do Collegio, mediante o pagamento d'uma annuidade fixa, cuja importancia não é superior ao total das despesas a pagar em collegios portuguezes.

Pedir prospectos ao director.





# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR  
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR  
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 1 de novembro de 1913

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
(Antiga R. da Rainha—Braga)

Numero 18 — Anno I



BARCELLOS—Capella-mór da egreja do convento de  
Villar de Frades

(Cliché do phot. am. F. Soucaux.)



**C**ERREMOS o olhar n'esta hora, ante a dôr de tantos, e elevêmo-nos acima, muito acima, do quadro de vindicta logica que ahi se desenha, e ameaça perpetuar-se periodicamente.

Alcemos os espiritos a outras espheras, d'on-de a patria se visiona livremente, na sua total complexidade, porque o problema que ella representa, não é de solução que se encontre nas retalições dos partidos nem nas questiunculas de confrades.

Tem-se dicto e redicto que o paiz carece de reformas; e ninguem mente quando o assevera. Esta reformação não pôde, porém, operar-se a golpes de cimitarra, antepondo como condição da sua viabilidade um novo colorido de taboletas.

Ha um verme roaz a envenenar as raizes da sua existencia:—uma carencia absurda de convicções, um fundo moral que se desgasta, uma intelligencia commum que delira nos primeiros assomos da loucura e da idiotia.

Se n'este paiz, o raciocinio fosse mais sereno e mais claro, se os arrancos da sua meridional paixão fossem temperados pela oportunidade e pela necessidade bem comprehendida d'uma salvação geral que abrangesse a gregos e troianos,—já não veriamos a anarchia governativa uivando contra sua mãe, que é a anarchia do povo; já a dôr não apagaria o lume sancto de muitos lares; já se haveria callado a voz da violencia, e seria mais accelerada e mais efficaç a marcha do progredimento nacional.

Não somos atreitos a pessimismos, mas certo é que a revezes nos perpassa, ante a alma conturbada, aquella phrase de Chamberlain sobre as nações moribundas.

Digam-nos o que lucrou o paiz com as organizações revolucionarias e as furiosas arremettidas do poder, e como é possível uma reforma no paiz, sem uma longa preparação civica que renove as suas qualidades e virtudes tradicionais?!

Digam-nos o que aufera a causa da realza com milhares de lagrimas, e o prestigio das instituições com dictaduras funambulescas?!

*Porque espera o paiz?* perguntava Moreira d'Almeida quatro dias antes do movimento revolucionario abortado. Por nada, responderia elle, se consciencia tivesse para comprehender que não lhe convém a paz de pantano em que apodrece.

O paiz não tem outra attitude, senão a dos condemnados que a morte vem pouco a pouco asphixiando, e que de braços cruzados pacientemente aguarda a suprema expiação distillando o derradeiro escarneo.

Não pertencemos, felizmente, ao numero d'esses burguezes de ventre inflado, que veem as necessidades communs e impreteriveis pelo preço do bacalhau ou pela somma do ordenado que recebem; não nos contamos entre os corrilhos de abastardados portuguezes, filhos legitimos d'um liberalismo

traidor que invadiu Portugal em 34, que aplaudem todas as covardias contanto que não os accordem da somnolencia das séstas, nem lhes perturbem as suporosas digestões de giboias.

Queremos a coragem das opiniões, a franqueza de character, palpitando sob o panno de todas as fardas! Queremos a intransigencia de convicções, intelligentemente firmadas.

Mas abominamos os exagerados, os desvairados de qualquer facção que provocam a desunião nacional e hão-de, por, fim atirar ásanha das estranhas cubiças da primeira hyena que nos accuda ás fronteiras, em vez de um punhado de bravos, em vez de uma nação armada de heroicidades florentes, de gallardias sãs, vibrante como o grito das coleras de oito seculos de independencia—um osso esburgado ou um espantalho de pardaes...

F. V.

## A' memoria de minha mãe



*Na dôr, na magua intensa que ora sinto  
Meu coração de filha atravessar,  
Quando o morto prazer vem devorar  
O desgosto cruel, lobo faminto;*

*Do pensamento atroz no labyrintho,  
Se os olhos para o Céu ousos clevar,  
Mysteriosa mão me vem guiar,  
Fazendo-me esquecer o goso extincto.*

*Aos pés do Onnipotente ergo uma prece,  
Escuta commovido. A sua bondade  
Embala minha dôr, logo a adormece.*

*Que seria, meu Deus, da humanidade,  
Se tua mão piedosa não viesse  
Adoçar as agruras da orfandade?*

Braga, outubro de 1913.

ELVIRA NEVES PEREIRA.

## Perdida!...



*Som derradeiro d'um eterno canto  
Onda sonora que a gemer se esvae,  
D'ameno dia moribundo encanto,  
Astro que longe, muito longe, vae:*

*Illusão morta, fonte d'este pranto,  
Que noite e dia dos meus olhos cae!  
Ouves ainda o brado que levanto  
E que do afflicto coração me sae?...*

*Se comprehenderas a saudade immensa  
Que n'estes versos tristes se condensa,  
Se comprehenderas este infindo amor!...*

*Talvez que não ousasses apartar-te  
De quem, se era ditoso por amar-te,  
Ai! por perder-te, á vida tem horror!...*

JOÃO DO OUTEIRO.





# A PRAGA



STAVA a expirar o adusto dezembro.

O sol ardia desde outubro com o furor inclemente de um castigo, seccando as fontes, mirrando os extensos campos tristes onde o gado mugia, extenuado e magro, levantando para o ceu fulvo os grandes

poração tremula de um fogo. A alma canóra e meiga das florestas desertara acoçada pelo flagello ardente e era tão extraordinario o apparecimento de passaros durante os rispidoes calores que o chillo d'uma camaxirra ou o chalrado d'uma jandaia eram tomados alegremente como presagios felizes.

O terror alarmara os sertanejos supersticiosos. Era tal o desanimo que todas as almas desesperadas, n'um mesmo impeto de fé, voltaram-se para Deus com tamanho ardor que, mesmo dos campos,

## OS NOSSOS BISPOS



D. Augusto Eduardo Nunes, venerando Arcebispo de Evora

*Nasceu em Portalegre em 31 de março de 1849; eleito Arcebispo titular de Perge em 13 de novembro de 1884, e metropolitano de Evora em 1890.*

olhos mansos e resignados. Ventos aridos abraçavam como o halito da natureza em febre. Pairava um cheiro forte e acre de queimadas e os dias, tacitos e longos, de um esplendor vivissimo, pela hora média velavam-se de uma nevoa fina como a eva-

á luz caustica, d'entre o rumor bucolico dos rebanhos, subiam córos religiosos dos vaqueiros; e nas fontes, onde subsistia um pouco de verdura, velhas negras escravas emborcavam os pucaros e caladas, contemplativas, esquecidas do tempo, fica-





vam olhando o lento e escasso esfiar d'agua, atolando os pés na areia encharcada onde cães morrihentos offegavam estirados, farejando, com volupia, o frescor da humidade.

Pescadores, descendo e subindo o rio, cantavam saudações ao propicio anno novo, singrando ao sabor da brisa sertaneja leve, impregnada do cheiro quente do rastolho. Em todos os cantos havia a mesma prece ao Senhor para que o anno que vinha fosse melhor que o velho, que entristecera

tos que alli iam dormir o ultimo somno e, em vez das madreilvas e das rosas silvestres, ramos de flôres bravas mirravam na solidão engrinaldando funebremente os cêpos das cruces, em cujos braços seccos, á tarde, ao luzir das primeiras estrelas, rolas iam chorar sentidas saudades tristes.

Velhas senzalas ermas, escancaradas ao tempo, apodreciam sem que ninguem as procurasse a não ser o cão familiar que errava entezilhado, ganhando a sua tristeza e a sua lepra, saudoso e faminto, farejando os caminhos d'antes trilhados pelo dono e recolhendo, á noite, ás cinzas frias do borralho domestico. E continuamente, n'um dobre funebre o sino de Santa Eulalia espalhava pelo fundo sertão os seus soluços de bronze.

Ao crepusculo evolava-se do sitio um cheiro mystico de incenso e de myrrha e subia de todos os tectos, como de thuribulos. a espiral azulada das defumações que se faziam para enxotar a peste enquanto as velhas religiosas desfiavam rosarios correndo a casa, tremulas, ao ciciar das rezas, varrendo os cantos com a vassourinha benta ou com feixes de palmas das que alastraram o caminho de Jerusalem quando o burrico paciente que Jesus cavalgava trotou nas pedras da cidade dos lirios.

Longe, no fundo sombrio do horizonte de serras onde o sol vertia os raios derradeiros, roncavam, merencoreas e lugubres, as guaribas soturnas e, de espaço a espaço da solidão calma dos profundos valles vinha, n'uma ondulação de gemido, magoada e enternecida, a toada da cantiga dos tropeiros que desciam, rumo da cidade, tangendo a cavallhada.

E as noites, de uma impassibilidade morna, cahiam sobre os campos ameaçando com as estrellas o proximo amanhã calamitoso e flammineo.

Se algum adoezia, como a esperança fugira de todas as almas, os parentes reuniam-se em conselho e, enquanto o enfermo agonisava, com os olhos abrazados de febre fixos no registro do crucificado, pendente do muro, entre rosas murchas, discutia-se o logar do enterro, lembravam-se pa-

ragens á margem molhada e sempre em sombra da fonte da Saudade ou o alto de uma collina guardada por um ingazeiro que elle tanto procurava quando era de levar ovelhas ou mesmo para pensar, afastado e só, entre as hervas de bom cheiro que florescem pelo Natal. E antes que expirasse já a sua alma estava encommendada á clemencia de Deus e, para envolver-lhe o corpo, a mais carinhosa das mulheres perfumara um lençol de linho com alecrim do campo e favas de baunilha.



Nossa Senhora da Piedade

*Esta imagem de Nossa Senhora da Piedade venera-se em uma ermida situada no cume de um outeiro, a pequena distancia da notavel villa de Loulé.*

*E' extraordinaria a devoção dos povos, não só do concelho de Loulé como de quasi todo o Algarve, para com a Virgem da Piedade.*

tanto lar e banhara de lagrimas; o rosto a muita creatura victimada no affecto pela peste que flagellara o sertão verde e virgem, sempre sadio e viçoso, tão desbravado entretanto n'esse bissexto expirante.

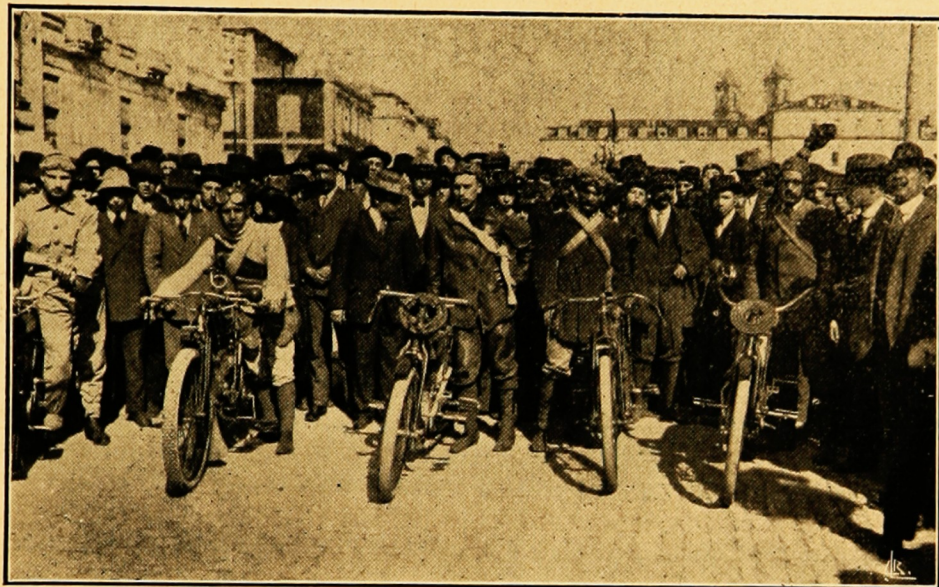
Logares deliciosos, sitios de amena e appetecida sombra, preferidos de todos para as preguiçosas séstas do meio-dia, nem o mesmo gado procurava; murchos, pecos, arrasados pelas soalheiras, não mais floriam—tinham sido tomados pelos mor-





Nas culturas mortas amarellecia ao tempo a palha dos milhos seccos e era muito vêr-se reluzir ao sol a foice de um captivo roçando o matto, de onde fugiam aos galões, tontas e espavoridas, cotias timidas. O verde e tenro arroz novo morria nos tremedaes resequidos e os papagaios chalravam famintamente nas ramadas dos ipês folhudos, pontilhados vistosamente de pequeninas flôres de ouro.

Campeiros, por mais ousados que fossem, temendo o sol negavam-se a pastorear, protestando todos com a mesma phrase sinistra feita á morte: «A bicha anda damnada por ahi...»



PORTO—As ultimas corridas. Partida dos corredores em motocicletas

Lento e lento, uns após outros, foram desertando todos os camaradas de sorte que o gado, acostumado a pastar nas campinas viçosas, mugia e balava esquecido no espaço estreito de um cercado velho, mordendo o capim que lhe jogavam aos feixes, ruminando brotos rachiticos nascidos na terra fossada pelos bacos, empastada de lama onde zumbiam moscas.

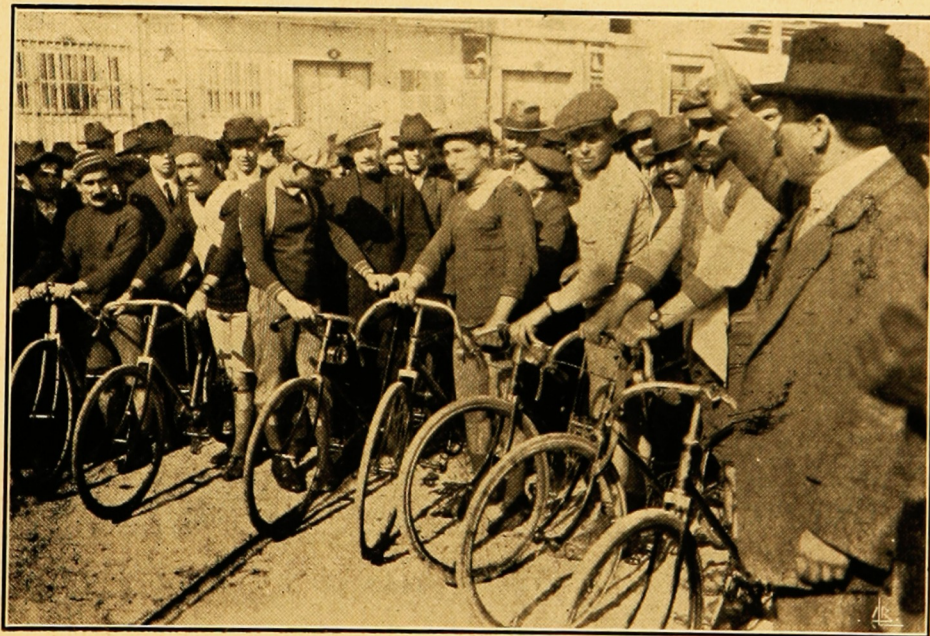
A's vezes, nas balsas que desciam o rio, impellidas a varejão por cinco ou seis negros reluzentes, de tanga apenas passada á cinta, levantava-se um berro gemebundo, e, quem olhasse, veria todos os braços fortes alçados para o ceu, alguns erguendo os varejões á maneira de lanças, os olhos altos, as boccas escancaradas, vozeirando o mesmo grito: «Valha-nos Deus!» que era um clamor de piedade para um companheiro que agonizava, estirado nos páos da balsa, o peito exposto á luz, zurzido de moscas, gemendo, enquanto as ciganas grasnavam nas margens, olhando os camalotes de aningas que desciam ao sabor d'agua e as garças finas, alvas, esguias, passavam no ar, umas

atrás das outras, estalando os bicos, aos pés juntos, hirtos, duros como flechas.

O sol ardia flammejante, côr de ouro, no ceu fulgido.

De tempos a tempos, pelo meio-dia, vinha das bandas das serras, um rumor surdo, um ronco longinquo de trovão—amontoavam-se nuvens plumbeas, outras brancas, muito claras, resplandeciam; cahia um silencio pesado e adormecedor, a calma envolvia tudo; os ruidos augmentavam de vibração—retumbava. De repente uma larga sombra varria a terra; escurecia. O ceu tomava uma côr negra, amontoavam-se rojos de nuvens tumidas, sentia-se como que um oceano suspenso—era a chuva que vinha. Mas, para a tardinha, um vento de fogo espanava o espaço e, rubra, enorme, silenciosa, a lua nascia, da côr do sol, e ia subindo, sinistra e sanguinea, empallidecendo e diminuindo aos poucos. As preces continuavam e, pela noite alta, uma velhinha santa sahia á varanda da casa que os senhores haviam abandonado, fugindo á epidemia e, de instante a instante, clamava no silencio badalando uma campana:

—Misericordia, meu Deus! e em toda a redondeza no cõro repetia profunda, mysteriosamente: «Misericordia!»



Partida dos ciclistas fortes

Abriam-se todas as casas, jactos de luz alastravam a terra e de novo, lenta e vibrante, a campana tinia.

Toda a gente de Santa Eulalia, ao mystico reclamo, corria ao terreiro claro, enluarado, onde o vulto da velha, negro e hirto, n'uma immobilidade de estatua, esperava como uma iniciada em extase. Vinham á frente as mulheres, a pequenos passos,





humildes, como um bando fraco de victimas seguindo para o sacrificio—caminhavam balbuciando, algumas com os filhos ao collo ou escarranchados ao flanco. Velhas fanaticas bradavam, parando de instante a instante para gemer supplicas, batendo pancadas brutaes nos peitos magros. Homens, n'um grupo cerrado, seguiam attrahidos, a cabeça baixa, calados e taciturnos.

Junto da velha prophetisa rustica paravam fazendo um circulo e ajoelhavam-se. Todos os braços agitavam-se n'um mesmo movimento, vozes soturnas resmoneavam acompanhando a uncção do «Pelo signal!»—depois cahia um silencio tragico quebrado abruptamente pela voz emphatica e prophetica da velha tirando a reza, até que, n'um reboante e formidavel côro, todas as vozes cantavam alto na quietação do luar para que a prece fosse além dos astros, muito além, até Deus, o dominador das pestes, o bem-feitor dos mundos.

Um vento forte curvava os ramos; repetia-se o côro no murmulho das arvores. Não longe cães errantes uivavam.

# A canção da pereira



I. — Havia no extremo da aldeia uma pereira grande: parecia na Primavera um ramo de flores. A casa do jardineiro era ao lado do caminho; tinha uma porta de pedra que semelhava um castello. Perrine era a filha do jardineiro. Eramos noivos.



Partida dos ciclistas fracos



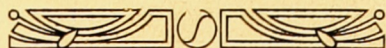
Leopoldo Futscher, vencedor do 1.º premio

A retirada fazia-se lenta e gravemente, como em scenario.

Subito, todas as luzes desapareciam e, isolada, mais funebre, a campana, pela ultima vez, tinia.

Corria um sussurro surdo: era como a passagem macabra da Peste.

COELHO NETTO.



II.—Tinha dezesseis annos. Como eram rosadas suas faces! Foi sob aquella pereira que lhe disse: Perrine, minha Perrine, minha Perrine, quando nos casamos?

III.—Tudo n'ella sorria: seus cabellos brincando com o vento; seu talhe esbelto; seus pés calçados em pequeninos sóccos; suas mãos, que faziam descer os floridos ramos para aspirar as flores; sua fronte pura; seus alvos dentes entre os seus labios rubros. Ah! amava-a!—Nossa boda será para o S. Miguel—me disse—se não fôres soldado do imperador.

IV.—No dia do sorteio accendi uma vela, porque me feria o coração a ideia de partir para longe d'ella. Louvada

seja a Virgem! tirei o numero mais alto. Mas a João, meu irmão de leite, tocou mau numero.

Encontrei-o chorando e dizendo:—Minha mãe! Pobre mãesinha!

V.—Consola-te, João, que eu sou orphão. Não queria crêr quando eu lhe disse:—Vou partir por ti. Perrine veio fallar-me no portão com os olhos cheios de lagrimas: erain mais bellos que o seu sorriso. Ella me disse:—Fizeste bem; és bom: vae querido Pedro, eu esperarei.



VI.—Direita, esquerda, direita, esquerda, acelerado! Avante, marchem! Chegamos d'esta sorte até Wagram! Pedro, firme! eis o inimigo. Vi uma linha de fogo. Quinhentos canhões troavam sem cessar: o peito estava oppresso pelo fumo, o pé es-corregava na sangueira.

Eu tive medo e olhei a traz.



Antonio Joaquim Ferreira, vencedor do 4.º premio.

(Clichês de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

VII.—Para traz estavam a França e a aldeia; e a pereira cujas floras em fructos se tornaram.

Louvado seja Deus!—Avante! Direita, esquerda volver! Apontar, fogo! A' bayoneta!—Ah! Ah! Bel-lo recruta! —Rapaz, como te chamas? Pedro, se-nhor.—Faço-te cabo.

VIII.—Perrine! Minha Perrine! Cabo! Viva a guerra! São de festa os dias de batalha! Para subir no exercito basta marchar. Direita, esquerda! —E's tu, Pedro?—Sim, Magestade! Colhe umas divisas.

Havia muitas nos braços dos cahidos.

IX. — Obrigado, senhor e até Moscow. — Na enorme planicie de neve, um caminho orlado de cadaveres; aqui o rio, alli o inimigo: d'ambos os lados a morte!

—Quem põe em linha o primeiro pelotão?—Eu, senhor!

—Sempre tu, capitão. E deu-me uma cruz de cavalleiro.

X.—Louvado seja Deus! Perrine, minha Perrine, vaes ficar orgulhosa de mim. A campanha terminou; tenho a minha licença. Tocam os sinos ao nosso casamento! O caminho é longo, mas vae longe a esperança. Alem d'esse monte está a minha aldeia. Já vejo o campanario, parece que o sino toca.

XI.—Toca. E a pereira? O mez das flores chegou e sem embargo não distingo o ramo florido. N'outro tempo via-se de longe; então estava erguido. Tinham cortado a arvore de meus amores. Teve flores, as flores tão bellas, mas seus ramos dispersos jaziam pelo solo.

XII.—Porque repicam, Matheus? — Para uma boda, senhor capitão. Matheus não me conhecia já. Uma boda! dizia a verdade. A noiva era Perrine, minha Perrine, alegre e mais bella do que antes. João, meu collaço, era o noivo.

XIII.—Ao meu redor diziam todos: «Amam-se». —Mas, e Pedro? perguntei. — Qual Pedro, respon-diam. Tinham-me esquecido já.

XIV. — Ajoelhei á porta da igreja. Roguei por Perrine e por João: tudo o que eu amava. Concluida a missa colhi uma flor da pereira, pobre flor murcha, e continuei meu caminho sem olhar para traz. Louvado seja Deus! Amam-se: serão felizes.

XV.— Senhor. — Já de volta, Pedro? — Sim. — Tens vinte e dois annos, és commandante e cavalleiro. Dar-te-ei, se queres, por mulher uma condessa.

Pedro tirou do seio a flor emmurchecida, que da pereira despedaçada havia colhido.

—Senhor, meu coração é como isto. Quero só um posto na vanguarda para morrer como um soldado christão.

XVI.—Teve o seu posto na vanguarda. No extremo da aldeia existe a tumba de um coronel morto aos vinte e dois annos em dias de victoria.

Em logar d'um nome sobre a pedra, ha estas tres palavras: *Louvado seja Deus!*

PAULO FÉVAL.

## Uma festa de arte

**N**ÃO se apagam de todo ainda o echo dos brilhantes saraus e serenins, que outr'ora enchiam de gala os salões armoriados, por essa linda terra de Portugal...



D. Maria Julia de Meyrelles Gouveia





Aqui e além, alguma festa, cujo gosto se salienta mais apurado, acorda evocações da Renascença, quando a galanteria de nossos avós tinha espirito e leveza, e os punhos de renda não eram uma ficção graciosa...

Tal vem succedendo em Casaes-Novos, onde o sr. conselheiro Joaquim de Vasconcellos (Carvalho), cultiva, como timbre de familia, as tradições que aos fidalgos ensinam primores de delicadeza.

N'esse recanto privilegiado d'Entre Douro-e-Minho, por onde já cantou as suas magoas o magoado poeta que foi Antonio Nobre, realizou-se, ha dias, com uma assistencia distincta e numerosa, uma elegante festa de homenagem á sr.<sup>a</sup> D. Maria Julia de Meyrelles Gouveia.

Quem teve a felicidade de assistir a essa reunião, certo que não esquecerá as enlevadas horas de prazer espiritual, ali vividas, entre sorrisos e flôres, n'uma atmosphaera de sonho...

O programma do sarau, superiormente organizado e executado, era de molde a satisfazer as mais requintadas exigencias estheticas.

Ao lado da *Marche du Taunhäuser* de Wagner, intensa de rythmo e colorida de harmonia, cahiram bem os versos rendilhados da *Zara*, realçados pela dicção primorosa de interpretes amadores e por um esmerado escrupulo de scenario e guarda-roupa.

Abordando um episodio curioso da Reconquista christã, o P.<sup>e</sup> Donaciano d'Abreu Freire, — um novo de talento singular, ao mesmo tempo orador sagrado e poeta, cuja larga inspiração se vem authenticando gradualmente desde o *Regresso da Peccadora*, ha mezes publicado, — conseguiu pôr em confronto, n'uma antithese frisante, duas almas, que o mesmo ideal de amor illuminava: *Zara*, ardente filha do deserto, vinda d'um paiz onde o sol põe fogo no olhar e nas paixões, e *Florinda*, a personificação feliz do amor — resignado, occultando na sombra do convento o coração, que uma illusão desfeita amortalhou de lucto...

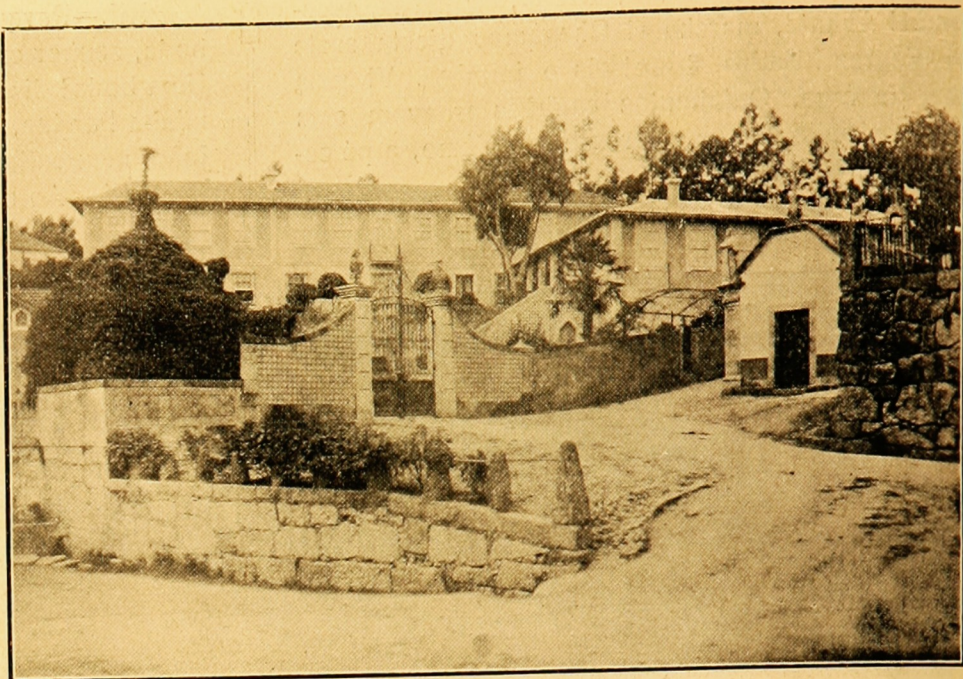
Para que os leitores possam avaliar o merito litterario do original *lever-de-rideau*, a *Zara*, transcrevemos para aqui um trecho da ultima scena, onde a coragem moral de uma virgem christã se manifesta e sublima, n'um piedoso gesto de renuncia:

SCENA XI

Conde

Então diz lá, Florinda, o teu pedido em paga  
Da alegria que tenho em vêr este noivado.  
Mas não te quero assim: dorida como chaga,  
Triste como quem fez grandissimo peccado!

Cedo perdeste a Mãe!... Quero ser o primeiro  
Em vêr-te satisfeita e alegre como aquelles.  
Que querias pedir tu?



Casa de Casaes-Novos

Florinda

Entrar para um mosteiro,  
Tara rezar por vós, para rezar por elles...

E para ser na terra uma piedosa crente,  
Amando para a morte e amando toda a vida  
O Noivo que não morre, o Noivo que-não mente  
E' santo o meu ideal: quero ser attendida!

Conde

Que pedes, filha?! Essa razão delira!...

Florinda (ajoelhando)

Meu Pae, a vida é curta, e misera, e mesquinha.  
E' mentira a ventura, a vaidade é mentira...  
Vivem da sua dôr as almas como a minha...

Quero entrar n'um mosteiro, esse seguro encanto,  
Ninho d'almas do céu, de lagrimas enxuto,  
Arca de Noé do diluvio do pranto,  
Sacratissimo lar dos corações de lucto...

Conde

Bemdito seja Deus, que me arrebatou a filha!  
Seja o que o céu quer... Farei o teu pedido...  
Deixa beijar-te a fronte, ó alma-maravilha!  
Iremos ao mosteiro: o abbade é conhecido.

.....  
.....  
.....



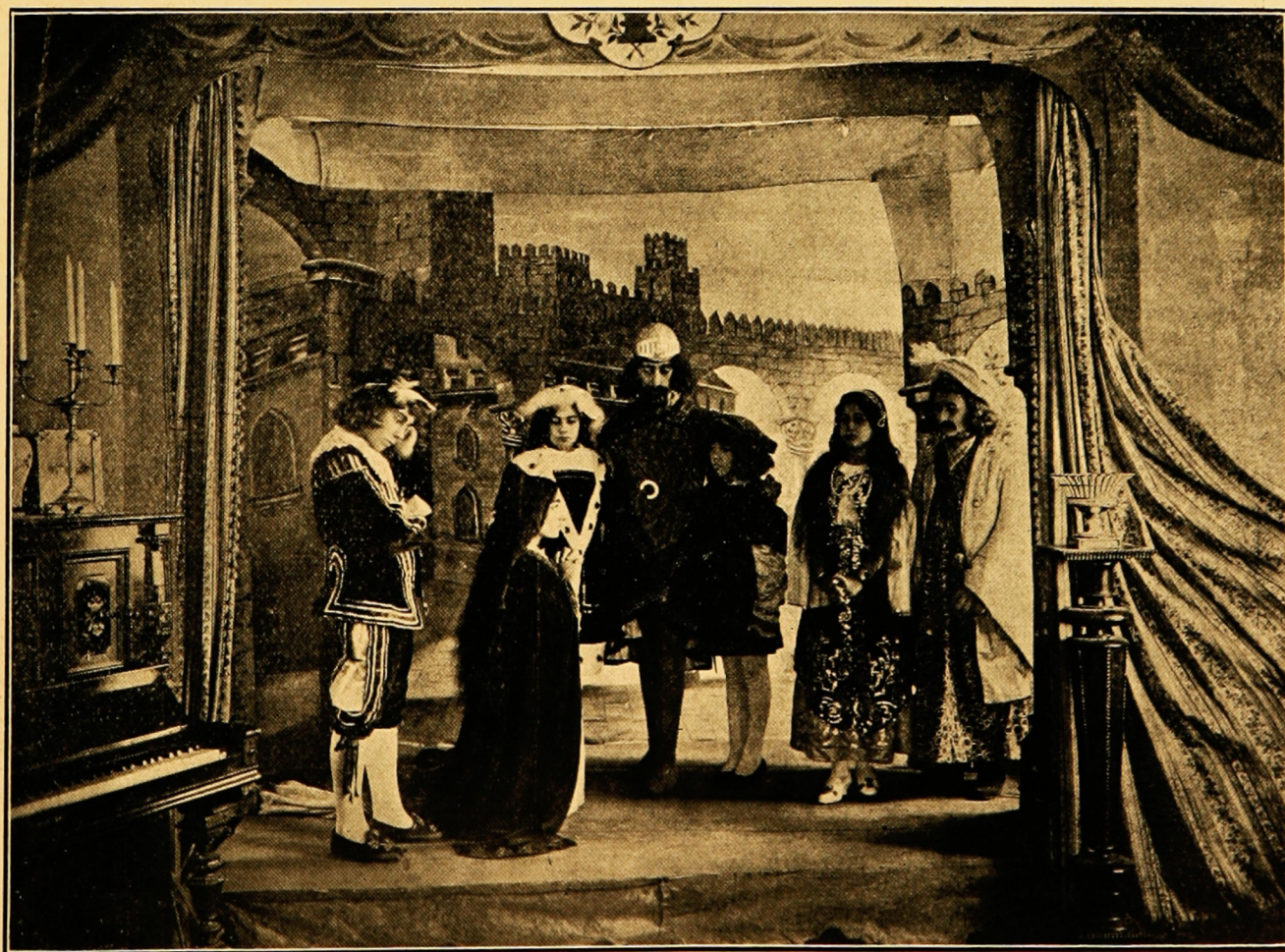
P.<sup>e</sup> Donaciano d'Abreu Freire, auctor da "Zara,"







*In erpe es de «Zara»: da esquerda para a direita,—Antonio G. de Vasconcellos, D. Julia de Vasconcellos Gouveia, Julio G. de Vasconcellos, D. Maria Antonia de V. Gouveia, José G. de Vasconcellos. D. Maria do Carmo de V. e Menezes, Rodrigo de V. e Menezes.*



*Scena final da «Zara»*



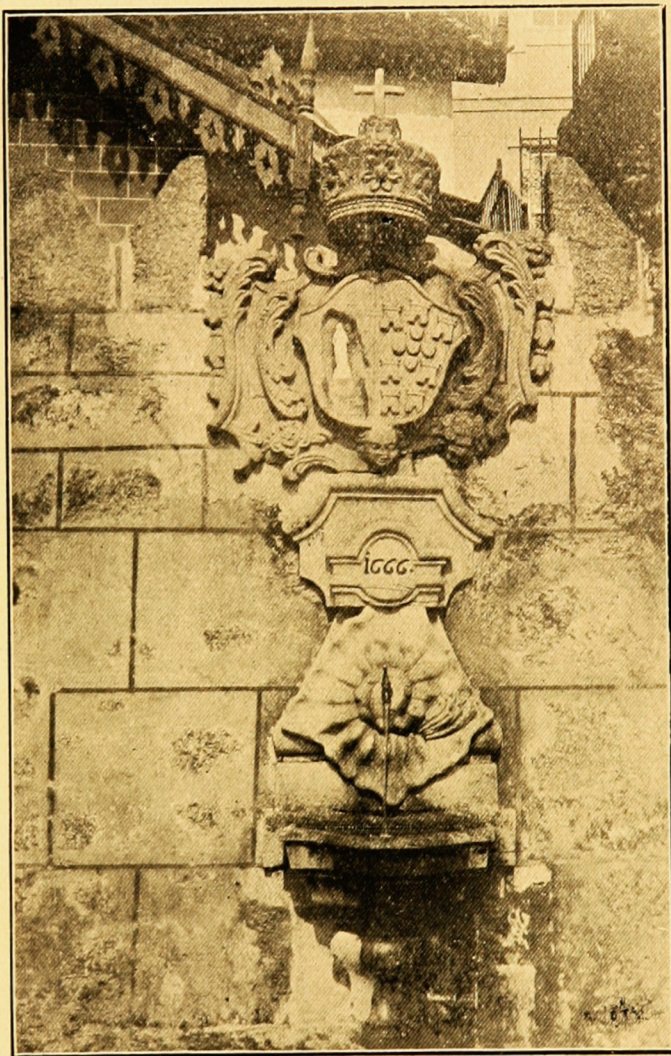


Sentimos não poder reproduzir inteiramente a *Zara*, cuja interpretação, confiada a amadores distinctíssimos, foi coroada de muitos e bem merecidos applausos.

E bem assim os demais numeros do programma, a destacar um delicioso trecho de Rossini, em harmonium e piano, pela sr.<sup>a</sup> D. Maria Antonia de V. Gouveia, e o Alegretto de Schubert, executado com rara perfeição pela sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo de V. e Menezes, que fechou com chave d'ouro a segunda parte do sarau.

Seguidamente á parte litteraria e musical, passaram os convidados a nova sala, profusamente illuminada e decorada, n'uma formosa disposição artistica, onde as manchas coloridas de begonias tuberosas, fazendo realçar as pratas e os crystaes, se combinavam n'um conjuncto deslumbrante.

Ahi foi servida uma ceia volante, primorosa, como tudo o em que preside a gentileza e o bom-gosto dos illustres donos da casa de Casas.



Uma fonte no terreiro de Casas

E após, começou o baile, que decorreu animado, dançando-se com *entrain* até de madrugada.

Foi, em tudo e por tudo, uma festa que marcou, e de que todos os assistentes levaram inesquecíveis impressões, relembrando com prazer a fidalga hospitalidade do sr. conselheiro Joaquim de Vasconcellos e de sua muito virtuosa esposa, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Francisca de Meyrelles Gouveia.

E foi, sobretudo, uma justissima homenagem á senhora D. Maria Julia de Meyrelles Gouveia, senhora que pela bondade subiu tão alto, que de toda a sua vida ha feito uma grande, commovedora lição de belleza moral...

Porto, outubro de 1913.

JOÃO RUELLA RAMOS.

## SAUDADE



*Felizes os que morrem no Senhor.*

ESCRITURA SAGRADA.

**E**SPARGIR flôres sobre a sepultura dos nossos queridos mortos, é um dever sagrado que nos impõe a saudade n'esta *Via Crucis* de lagrimas, que é a Vida.

Espargir flôres sobre a campa dos que partiram para Além-tumulo, é dizer-lhes que o nosso espirito os acompanha n'essa cidade, que não carece de sol nem de lua, porque a alampada do Cordeiro os illumina e onde vivem felizes na beatitude eterna, emquanto nós, soffrendo a angustia de os ver partir com o coração a sangrar, nem sabemos olhar para o Céu, d'onde elles nos sorriem...

Tambem nós em piedosa romagem, vimos hoje depôr um ramo de lyrios, sobre a campa de Maria da Conceição Pinheiro Torres e Almeida, já coberta pelas flôres da saudade.



D. Maria da Conceição Pinheiro Torres e Almeida

(Fallecida em 28 de agosto de 1912)

Adejando apenas sobre a terra e vinda do Céu, para lá voltou a sua alma branca e pura como a flôr querida de Jesus.

Era a sua figura tão gentil e suave, tão doce e magoado o lindo olhar, expressão d'uma alma que parecia ver o mundo com lembranças do céu...

Ella tinha o dom da serenidade que exprimia nas suas palavras angelicas, mitigando as dôres d'alma que tanto nos affligem n'este valle de lagrimas.

Escrever a historia da sua passagem pela terra, seria cantar um hymno de louvor a Deus, pois ella deslisou no mundo fazendo bem, consolando os tristes, vestindo os nús, e dando paz aos que viviam na tormenta d'este mar revolto.





Podíamos dizer d'ella com Jesus: bemaventurados os mansos porque d'elles é o reino dos Céos.

Maria Pinheiro tinha a candura dos espiritos celestiaes, a caridade das santas, a fé das martyres; morreu, quando tudo na vida lhe sorria, abraçando a Cruz, resignada.

E' no lyrio, a flôr predilecta de Jesus, que nós pensamos, quando nos acode ao espirito a visão encantadora que partiu ha um anno, para ir receber a palma dos bemaventurados, onde a esperava o seu querido e santo Pae, o sabio e benemerito Dr. Antonio Maria Pinheiro Torres e Almeida.

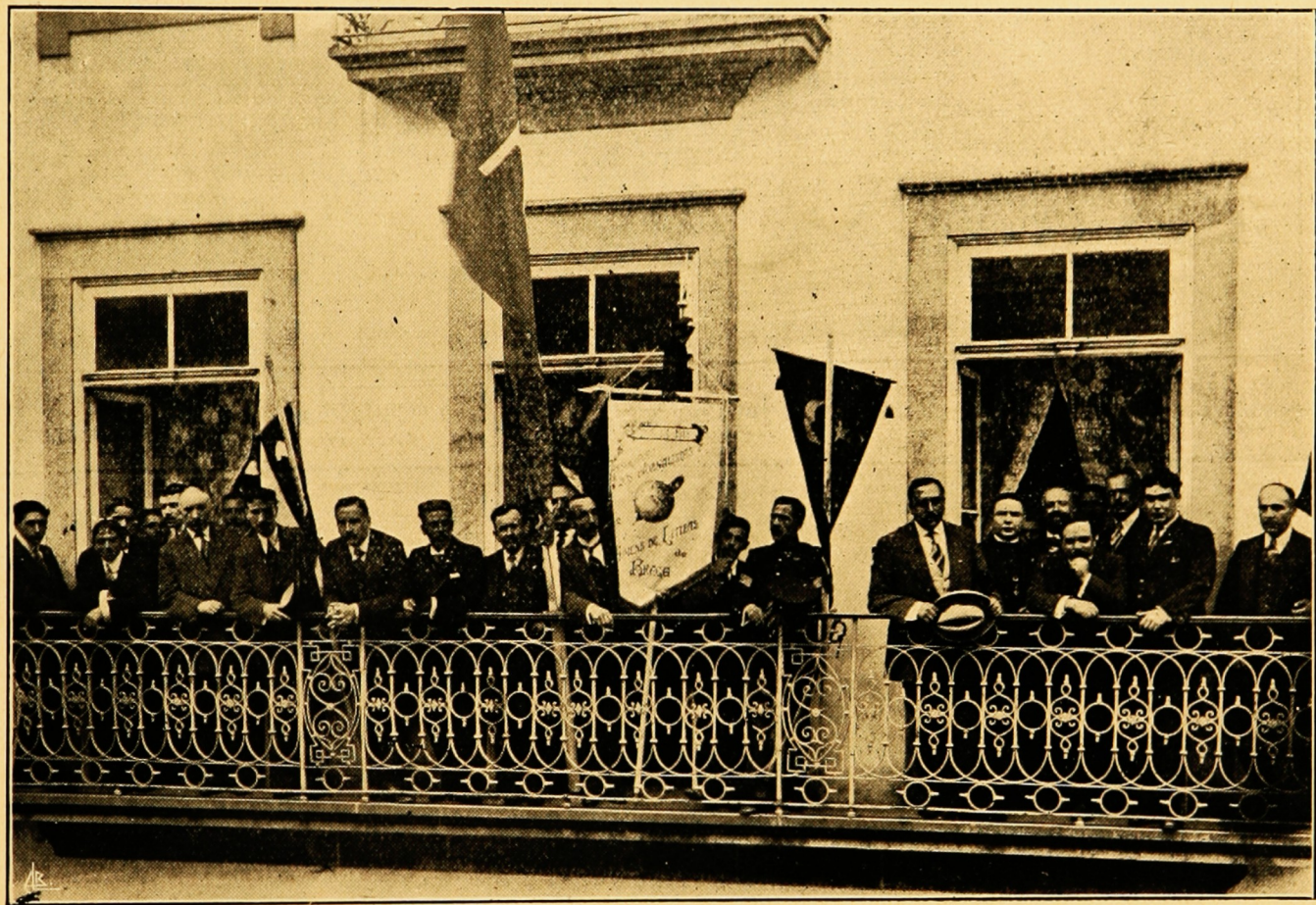
Deixemos desabrochar as flôres da saudade, regadas com o orvalho celeste e soluçar a nossa dôr em pranto commovido, mas não esqueçamos, que em noites escuras, scintillam as estrellas com mais fulgor e hoje, na escuridão da nossa alma, brilha a esperança, de que um dia veremos os nossos queridos mortos, para lá do azul extenso do Céu, com estranho esplendor.

Dia de finados, 1913.

MARIA SALOMÊ,



## Passeio dos jornalistas bracarenses



BARCELLOS—Os jornalistas bracarenses na varanda da Associação Commercial

No dia 19 de outubro foram a Espozende, em amena digressão, os membros da nascente associação dos *Jornalistas e Homens de Lettras de Braga*.

Esperados pelos jornalistas de Barcellos e pela Associação Commercial d'esta villa, foram recebidos carinhosamente no edificio social d'esta prestimosa collectividade, á janella da qual se photographaram após a sessão de boas-vindas.

Em Espozende receberam-nos com uma amabilidade que excede todo o encarecimento, vendose engalanada em seu obsequio a formosa villa. Realisou-se uma sessão solemne na Camara Municipal, e depois um passeio aos «Cavallos de Fão», bello local para ser construido um porto, de cujas

optimas condições hydrologicas fallam justamente os entendidos na materia.

A seguir houve reunião junto do monumento de Sampaio, distincto copo d'agua no edificio dos soccorros a naufragos, visita ao Theatro-Club, ao *Espozendense* e a varias collectividades e personalidades.

De varios aspectos da visita são melhor referencia do que as nossas desataviadas palavras as gravuras photographicas que inserimos, e remettemos o leitor que deseje mais circunstanciada noticia para o relato de toda a imprensa, nomeadamente para as chronicas dos *Echos do Minho*.

Falta, porém, imperdoavel seria não agradecer





aos colegas de Barcellos e Espozende, á Camara Municipal d'esta e associações das duas formosas

villas as extremas provas de delicada attenção com que muito honraram os jornalistas bracarenses.



ESPOZENDE—Partida dos jornalistas em visita aos “Cavallos de Fão,”



ESPOZENDE—Os jornalistas de Braga, Barcellos e Espozende, junto ao monumento de Antonio Rodrigues Sampaio





# Fastos do Catholicismo

□□□

A aviação não é só o gigantesco esforço do progresso, o esplendido resultado de trabalhos scientificos, e grandioso monumento do valor humano. E' tambem campo aberto ao christianismo e acção catholica.

Brindejono des Moulines, é o celebre aviador francez que recentemente foi voar sobre o hospital de S. João de Deus para recrear os pobres doentes: o seu aeroplano foi solemnemente ben-zido por Mons. Gibier, no aerodromo Morane-Saulmier.

No acto da benção o illustre



**ESPOZENDE** — Edificio dos Paços do Concelho onde foi feita uma carinhosa recepção aos jornalistas.

(Clichés de J. J. Souza Guimarães.)

tantos seculos depois do seu pensamento, tem realisação o anhelos dos descendentes de Noé. Queriam elles chegar ao ceu por aquella torre, e ao ceu chegam na verdade por Maria, *porta caeli*, cuja estatua, obra do seculo 20 da era christã, se ergue sobre a obra do seculo 20 da era ante-christã.

Ao pé d'aquella torre effectuou-se a dispersão do genero humano; aos pés d'aquella torre mysteriosa que agora a emcima ha-de realisar-se a união de todos os homens.



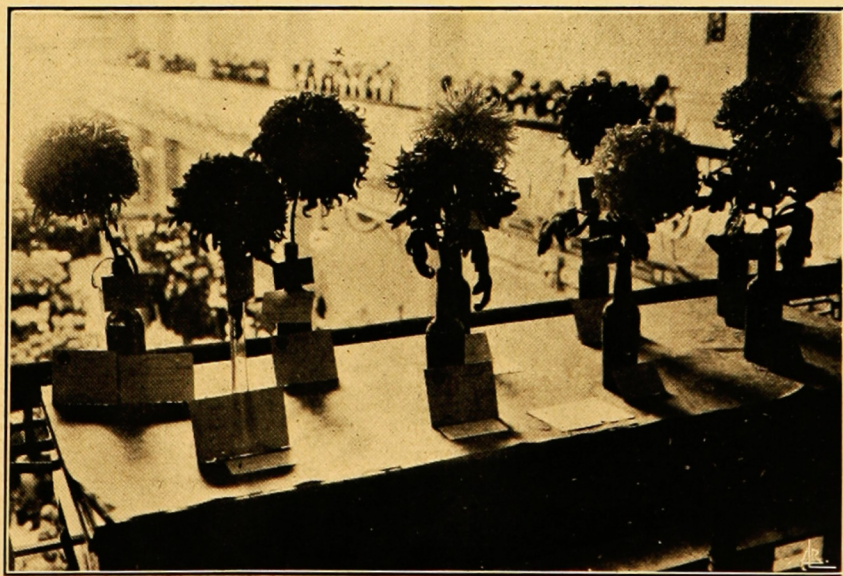
**ESPOZENDE** — O povo esperando o desembarque dos jornalistas

purpurado francez fez um discurso em que dizia, entre outras coisas não poder a religião desinteressar-se dos progressos da aviação. O ardente bispo francez saudou, como um futuro não remoto, o dia em que os apóstolos das missões se servissem do aeroplano para levar o Evangelho e a civilisação aos povos mais longiquos.

\*

Os religiosos carmelitas tiveram uma ideia encantadora na sua simplicidade e symbolismo. Sobre as ruinas da torre de Babel que os homens suberbos edificaram poucos seculos após o diluvio, na esperança insensata de chegar ao ceu, ergueram uma imagem de N. Senhora das Victorias, abençoada pelo Papa. Eis como tantos e

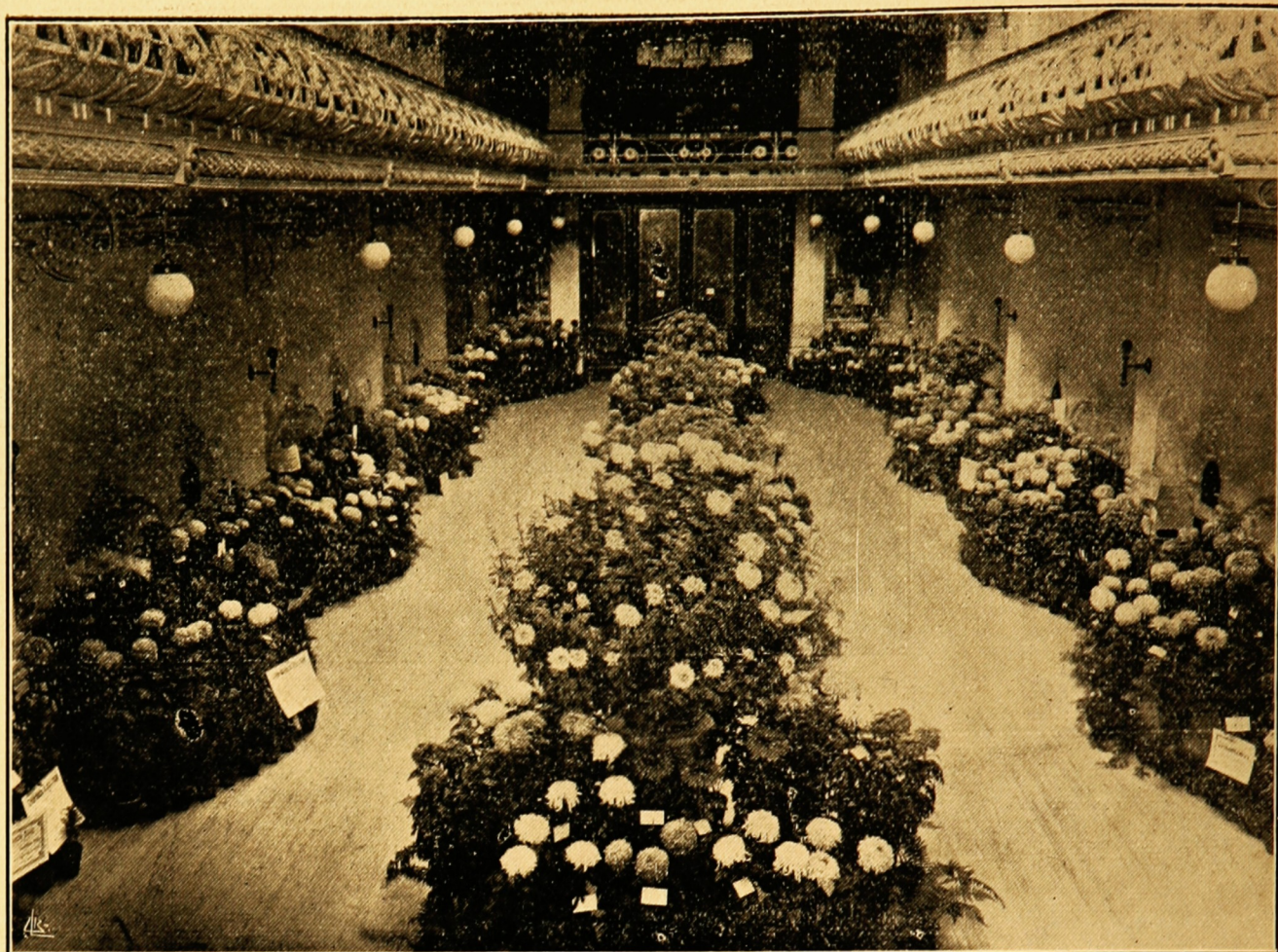
## PORTO--Exposição de chrysanthemos em Passos Manuel



O chrysanthemo Madame Carnot com 35 cent. de diametro  
Expositores, srs. Alfredo Moreira da Silva & Filho







PORTO—Exposição de chrysanthemos no jardim de Passos Manuel em 19 de outubro de 1913.  
Um aspecto da exposição.



Exposição de chrysanthemos. Expositor o snr. Antonio Dias ao qual foi conferido o premio d'honra.





Exposição de chrysanthemos. Expositor o snr. Joaquim Moreira dos Santos.



Exposição de chrysanthemos. Expositor o snr. Luiz de Souza.

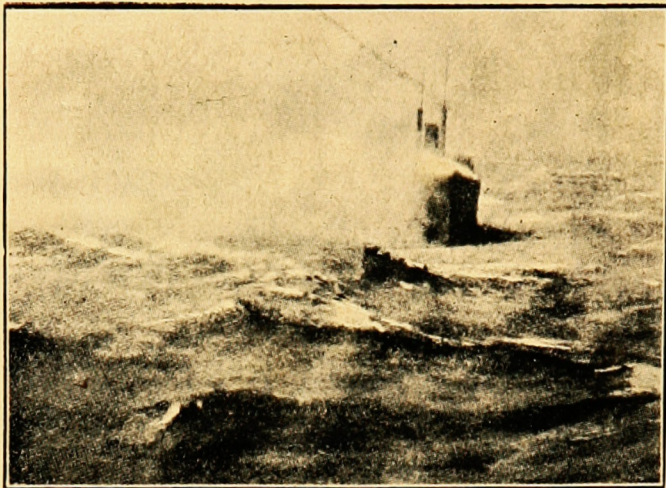
(Clichés do distinto phot. am. snr. Augusto Chaim Junior).



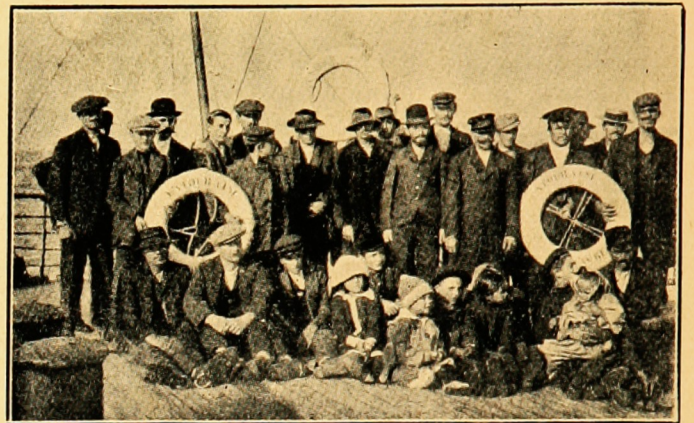


# NOZAS DO ESTRANGEIRO

## Um drama no mar



O paquete «Volturno»

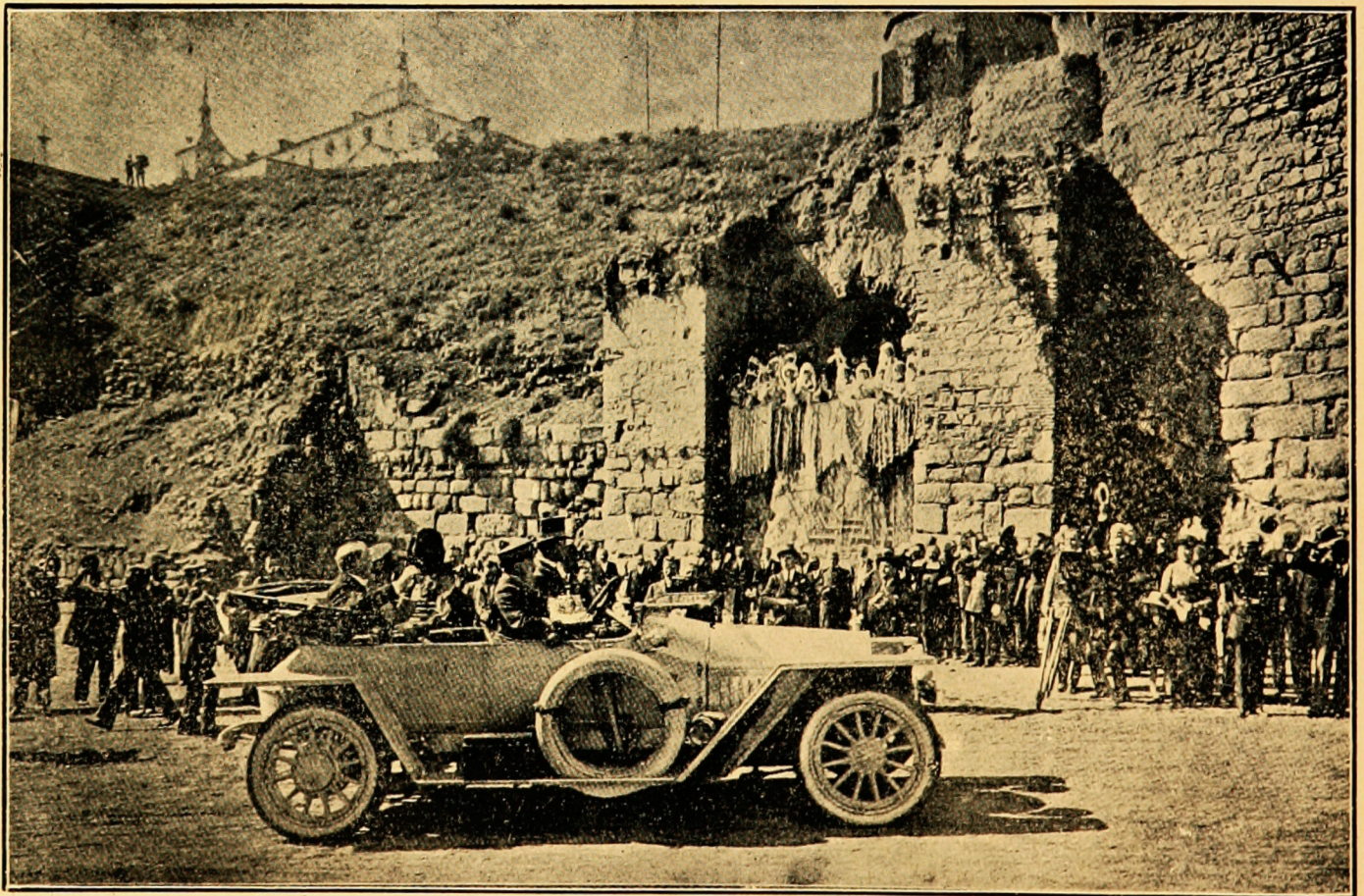


Grupo de naufragos a bordo do paquete «Touraine»

O grande paquete «Volturno» da companhia *Urania* de Londres naufragou em pleno Atlantico a meio caminho da Terra Nova a Liverpool, em consequencia d'um incendio manifestado a bordo, causado por uma violenta explosão.

Apezar de todos os auxilios prestados crê-se que hão perecido duzentas e trinta e seis pessoas.

## Poincaré em Hespanha



TOLEDO—O presidente da Republica Franceza e D. Affonso XIII são acclamados pelas damas ao chegarem ás portas da historica cidade

